

Como citar este texto: FERNANDES, M.I.A. Os sentidos do morar. **VIRUS**, São Carlos, n. 5, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/?sec=5&item=4&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Os sentidos do morar

Maria Inês Assumpção Fernandes

Maria Inês Assumpção Fernandes é Psicóloga, Doutora e Livre-docente, Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Brasil, pesquisadora do Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social (LAPSO), que analisa processos psíquicos de grupos, suas práticas e efeitos sobre a produção da subjetividade e a construção de laços sociais.

O espaço habitado carrega a essência do aconchego que permite abrigar a imaginação, o pensamento, o sonho. Ao devaneio pertencem valores que marcam o homem em sua profundidade. O devaneio tem mesmo um privilégio de auto-valorização. Ele usufrui diretamente de seu ser. Então, os *lugares onde se viveu o devaneio* reconstituem-se por si mesmos num novo devaneio. É exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis para nós (BACHELARD, 2000, p. 26).

Para alguns, o *tempo* seria responsável pelo sentido de familiaridade enraizado nas rotinas, nas coisas e na experiência de interioridade. O ambiente físico e o espaço construído seriam uma espécie de sustentação da memória que, em parte, estabelece quem somos e de onde viemos. Uma identidade ligada ao passado e ao futuro. Simone Weil, em seu trabalho "A condição operária e outros estudos sobre opressão", destaca que o *enraizamento* talvez seja a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana, pois o "ser humano possui uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência da coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro" (WEIL, 1996, p.347).

Seu Antonio ansiava encontrar sua família, a casa em que morava e que há tanto tempo não via. Estava há muito tempo no hospital psiquiátrico e não havia mais vestígios do que ocorrera com ele, antes de ser internado. Foi então que, numa conversa, resolveu desenhar, num pedaço de cartolina, sua casa e sua família.

Suas lembranças começaram a ter uma forma e a construir passagens para outras e tantas lembranças. Ele queria também ter uma foto da família para colocar ao lado, na cabeceira de

sua cama. A ideia de tirar uma foto da cartolina surgiu como saída e como resguardo do que voltava, em sua imaginação, a ter contorno. Os *lares abrigados* que se construía a partir da desativação dos hospitais psiquiátricos, em São Paulo, mostravam um novo caminho a seguir mas não eram suficientes para abrigar a memória, a história, o sonho de cada um. Algo mais deveria ser feito.

Cinquenta anos depois é muito tempo! Seu José não queria se mudar. Os novos *lares* não lhe davam conforto. Eram estranhos. Acostumado ao seu *canto*, embaixo da escada, não queria sair e deixá-lo. Lá fora estava tudo sendo arrumado para recebê-lo. A construção das novas políticas de saúde que definiam a extinção dos manicômios, não dava conta da necessidade de Seu José. Ele só queria ficar. Já tinha sua casa e seus objetos, *acumulados e guardados* sob a escada. Não precisava de outra casa. Ele *morava* ali.

São essas situações emblemáticas que remetem a outras, mais ou menos violentas, que evidenciam a importância de se pensar o *morar e a delimitação do espaço*, a casa; nos diversos modos de o fazer, nos diferentes meios, urbanos ou rurais

A casa oferece um contorno e estabelece uma fronteira que, do ponto de vista psíquico, marca os limites entre o *dentro e o fora*, ordena "a experiência espacialmente, sócio-culturalmente e temporalmente" (KAËS, 1998). Constitui, dessa forma, um apoio na constituição da subjetividade.

Compreender o que seja morar nas diversas culturas, exige uma busca por identificar nas construções, nos objetos da moradia e na sua disposição que cria os ambientes, certa inscrição. Esta inscrição compõe e mobiliza representações, valores, sistemas de significação, pactos e alianças, conscientes e inconscientes, que situam os sujeitos, as comunidades, os povos em relação a uma origem, a uma língua, a modos específicos do cuidar.

Dona Maria foi para um dos lares abrigados. Gostou da casa nova. Gostou mais ainda porque tinha *um pedacinho de terra* no qual ela poderia plantar o pé de camomila, de erva-cidreira, de boldo, como fazia na roça, muitos anos atrás, antes de ser internada. Eram fragmentos de memória que surgiam: os cuidados da mãe, os cuidados com os irmãos mais novos. Logo depois da mudança, Dona Maria começou a cuidar dos outros que, como ela, eram os novos habitantes desse lar. Os chás substituíam os remédios e começava a organizar as relações entre os novos moradores, de forma nova. Não eram mais, somente, os doentes de um hospital; podiam se cuidar. Transformavam-se os vínculos do cotidiano, na casa.

O cotidiano manifesta uma *resistência*, seja pelo uso de palavras ou de coisas, de maneira própria. Os chás da Dona Maria expressam essa força da resistência, impõem novos significados, transformam os lugares sociais; *não mais habita o lugar da louca*, que precisa ser cuidada; agora ela é a que cuida da dor de estômago do Seu Carlos, da dor de cabeça da Dona Vera. São formas de cuidado de uma cultura que se recuperam; são significados ao mesmo tempo gerais e particulares que, escondidos, esperam o momento de retornar.

Esse é o desafio a enfrentar na construção dos espaços, dos espaços coletivos e das políticas públicas: manter a memória do meio e criar, transformar, inovar, manter o movimento. O espaço é algo mutável, definindo e sendo definido pelos objetos, ações com organização e dinâmica próprias (DUARTE, 2002, p.143). O viver concreto, prático, cotidiano reenvia a uma forma específica de operações, talvez a uma outra *espacialidade*.

As metáforas e as metonímias do sistema de significação que temos à nossa disposição, na mítica origem de nossa existência, permite o atravessamento de fronteiras, a mobilidade no tempo, os diversos ritmos; a cultura transmitida através de símbolos ou coisas.

A catástrofe social se constitui pela perda das marcas identificatórias que garantem o laço social, dos sujeitos entre si e com as instituições; nas famílias. A *cidade destruída*, como metáfora, provoca o deslocamento das alianças. O contexto social torna-se incoerente, incompreensível e sem garantias.

A loucura, como metáfora da diferença e das diferenças culturais mostra que o que está em jogo é nossa capacidade para reconhecer a diferença e torná-la presente no ato de construir, no ato de construir políticas que antecedem as ações a serem implementadas através de modelos enriquecidos das tecnologias, supostamente neutras, a serviço do bem estar das pessoas.

A cultura como o conjunto de dispositivos de representações simbólicas gera condições para a criação do sentido e da identidade. Há um código íntimo, uma interioridade e há um código cultural. São eles os organizadores da permanência de um conjunto humano, de seus processos de transmissão e de transformação.

Referências

BACHELARD, G. **La Dialectique de la Durée**. Paris: P.U.F, 2000.

DUARTE, F. **Crise das Matrizes Espaciais**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

WEIL, S. **A Condição Operária e outros estudos sobre a opressão**. Org. Ecléa Bosi, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KAËS, R. **Différence Culturel et Soufrances de l' Identité**. Pris, Dunod, 1998.